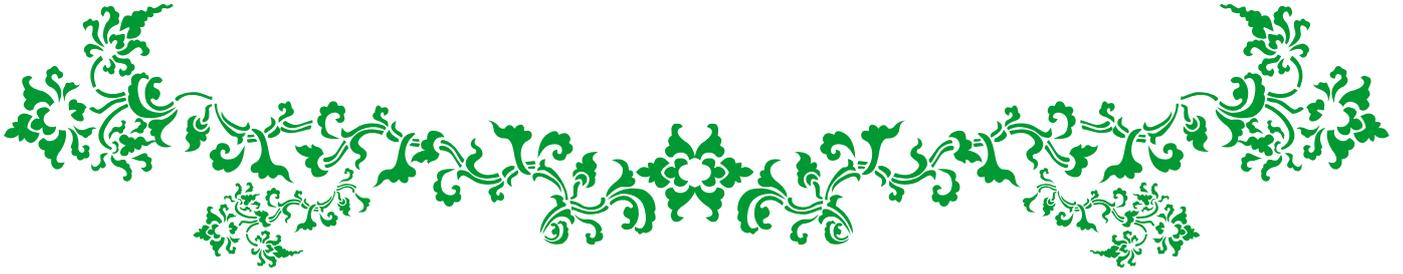




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Setembro de 2015, nº 197

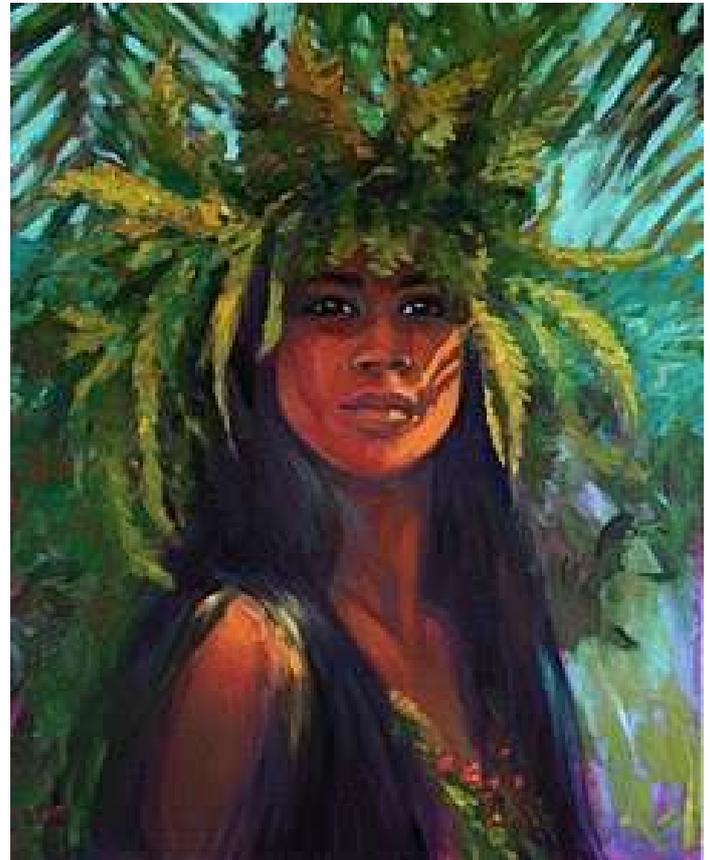


 Mirella Faur

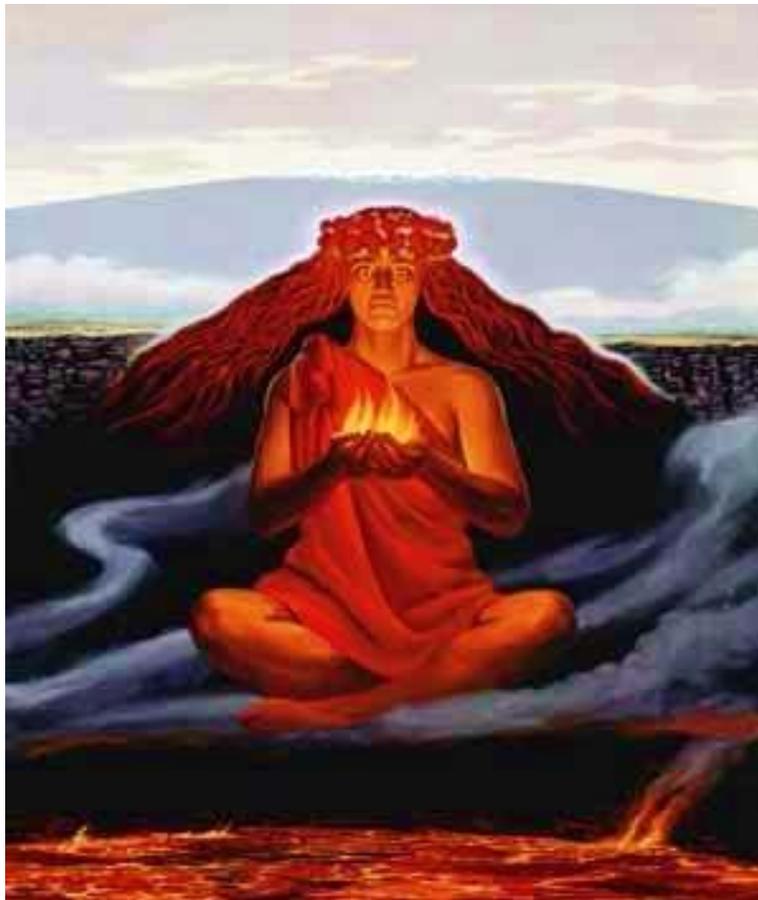
HAUMEA, A MÃE TERRA DO HAVAÍ

Os conceitos havaianos sobre as divindades são muito diferentes dos de outras tradições como a europeia, do Oriente Médio, a africana, nativa americana e australiana, assemelhando-se mais com a indiana, chinesa e japonesa. A palavra havaiana para deus ou deusa é akua, que tem um significado indeterminado, sendo tanto espírito, quanto a essência motiva ou criativa de qualquer coisa ou pessoa e de qualquer lugar (criador, vento, lua cheia, fenômeno natural, ancestral, pessoas ou coisas imbuídas de mana, ou seja, poder ou influência). Outra característica é a ausência de uma hierarquia, interligação ou classificação das divindades, não sendo mencionada nenhuma ligação com períodos históricos e lugares. Diferentes tradições e rituais coexistem em um aparente caos, sem terem integração entre si, por pertencerem a diferentes famílias de imigrantes polinésios, que trouxeram consigo seus próprios deuses e rituais, acrescidos de novos arquétipos ligados à terra, água, vegetação e vulcões da nova pátria.

Quanto mais poder era atribuído a uma divindade, maior número de manifestações, formas e mitos eram a ela associados. As mais poderosas podiam assumir inúmeras formas (chamadas kīno lau – “muitos corpos”), do reino animal, vegetal, mineral, humano, natural, sobrenatural ou espiritual. Divindades diferentes e específicas (mais de 400.000) eram cultuadas nas diferentes ilhas, lugares e famílias, sem existir uma divindade com maior hierarquia ou cujo culto tenha sido contínuo, prevaemente ou uniforme. A relação dos havaianos



com as divindades era fundamentada na observação e experiência, sem teorias místicas, apenas a racionalização das suas vivências emocionais, mentais e sensoriais. As divindades não eram apenas reconhecidas, mas cultuadas permanentemente pelos kahuna pule (sacerdotes) com rituais e orações, por isso a religião havaiana é enraizada na terra, nos fenômenos naturais e na própria vida. As divindades não eram meras representações ou personificações de princípios ou valores, elas eram as próprias forças e formas da natureza.



Entre as deusas, a mais conhecida é Pele, devido à sua associação com o vulcão da ilha principal. A mãe de Pele é Haumea, a Mãe Terra e ancestral do povo havaiano, que preside os nascimentos e partos, sendo considerada às vezes como "A Criadora". O povo havaiano reconhecia sua ligação direta e visceral com a Mãe Terra, acreditando que tinha surgido de grutas, colinas, montanhas, rochedos ou de plantas como milho ou mandioca. Nos mitos conta-se que os filhos de Haumea foram nascendo de diferentes partes do seu corpo (coxas, seios, testa, palmas das mãos, boca ou cérebro), reforçando assim as suas qualidades telúricas e seu título de "Haumea, a deusa com milhares de formas" ou Hanaumea "os nascimentos sagrados". Contava-se que a deusa Pele teria nascido da axila, virilha ou da chama saindo da boca da sua mãe, possivelmente pela associação com o vulcão. Pele tinha uma natureza totalmente oposta à de sua mãe que era calma, amorosa, gentil e nutridora, enquanto a filha era furiosa, vingativa e cruel, sem se preocupar com o bem estar do seu povo, apenas com os seus impulsos.

Haumea: Deusa da metamorfose, renascimento e criação

A origem de Haumea é muito antiga, aparecendo em diversos mitos e sendo associada com comida, abundância, casamento, nascimento e renascimento. O seu nome é composto de hau, "dirigente" e mea, "terra vermelha" e o seu elemento são as pedras. Ela era conhecida como "a deusa das metamorfoses", pois mudava permanentemente a

sua aparência e idade (passando de avó para mãe, jovem e sendo sua própria filha ou neta), semelhante ao processo em que as ilhas do Pacífico nascem, mergulham no oceano e emergem com novas formas. Este fato pode ser visto como uma qualidade de rejuvenescimento perpétuo ou do seu renascimento, como uma alma reencarnando várias vezes ao longo do tempo. Acredita-se que Haumea teve diversos nomes como: Papa e Lailai e seis reencarnações, em outras terras, com estes títulos: "Papa parindo ilhas", Papa parindo com muito barulho, Casa da terra ardente, A mulher que traz peixes e caranguejos, A árvore que fornece comida", além de inúmeras formas como animal, mulher, espírito ou deusa. Em todos estes aspectos, Haumea era sempre associada ao ato da criação ou do nascimento; ela casava com seus descendentes, dando origem a uma multiplicidade de deuses.

A cultura e história havaianas são impregnadas da importância da hierarquia social, tendo um sistema de classes rigorosamente definido e composto de realeza, classes dominantes, cidadãos comuns e serviçais. A sua mitologia verbal, passada de um chefe de clã para outro, em forma de cantos sagrados, contém longas listas das linhagens de divindades, inclusive dos incestos, mas sem ter uma cosmologia definida. No "Canto da Criação" fala-se de eras e percebe-se a clara compreensão de outros reinos incluindo deuses celestes, espíritos telúricos,





guardiões das moradas, espíritos ancestrais e seres do mundo subterrâneo. Tudo era permeado por uma energia espiritual, que precedeu a criação da humanidade. Um importante e longo poema Kumulipo (de mais de 2000 linhas, recitado de memória pelos kahunas em certas cerimônias) descreve a criação e evolução da vida na Terra, reconhecendo os seres humanos como fazendo parte integrante da natureza; eles eram irmanados com todas as criaturas vivas e viviam em uma perfeita integração holística e sagrada. Os antigos havaianos eram astrônomos e visionários, eles sabiam que a vida era sagrada e que os humanos eram almas que desceram do céu para evoluir na terra. Acredita-se que eles tenham vindo do continente perdido de Mu, cujos habitantes tinham uma cultura e valores espirituais muito elevados.

Em um dos seus mitos, conta-se que a primeira mulher foi La'ila1'i, descendente de seres noturnos e progenitora da raça humana. Seu marido ("o rei que abria os céus") era um ser celeste, que descobriu uma linda mulher - La'ila1'i- se apaixonou por ela, desceu na terra e da sua união nasceram os ancestrais dos seres humanos. Uma versão diferente descreve a chegada de Haumea junto com seus irmãos Kane e Kanaloa na ilha de Kona, onde foram avistados por alguns pescadores, que os reverenciaram como seres divinos.

Ao se unir a um dos pescadores, Haumea gerou uma filha chamada "florescer com aroma" e outra "luz rosada no céu". Ela passou a viver no vale Kahili e se transformou em uma árvore "com folhas mutantes", que tinha flores que cantavam. Acredita-se que esta árvore era o bambu, usado para fins mágicos e para a confecção de flautas.

Protetora dos partos e nascimentos

Em outro mito descreve-se a maneira como Haumea ensinou às mulheres como parirem de forma natural, pois antes disso acreditava-se que os filhos deviam ser retirados do corpo da mãe abrindo seu ventre. Haumea presidia todos os nascimentos e intervinha quando o parto demorava ou trazia perigo para mãe e filho, aparecendo também para indicar remédios naturais (ervas e tubérculos), encantamentos e orações que servissem para induzir ou facilitar o parto.

Haumea era associada à fertilidade de todas as formas de vegetação, principalmente à árvore makalei, uma fonte importante de comida. Esta árvore - também chamada ulu e na sua forma de arbusto uluhua - tinha galhos e frutas parecidas com bambu, coco, cana de açúcar e fruta-pão e era reverenciada como o meio de fornecer permanentemente comida, sem falhar. Um galho desta árvore era usado por Haumea para atrair os peixes para as redes dos pescadores.



O lar de Haumea era na ilha sagrada de Oahu, no vale Kahili, onde ela se manifestava em diversas formas e atraía os peixes com o seu bastão mágico. De Oahu ela se deslocava para seus outros dois locais sagrados: Nu'umealani e Kuaihelani. A transformação da idade de Haumea (passando de avó para mãe, jovem e até mesmo sendo sua própria filha ou neta) acontecia na ilha de Oahu, onde tinha sido erguido um heiau (altar sagrado) para o seu culto. Mesmo após sua morte pelo trapaceiro Kaulu, a deusa reencarnou como uma mortal, Papa, que pariu inúmeros filhos e filhas, mostrando assim a recriação da vida após a morte. Na sua forma humana como Papa, Haumea casou com Wakea e foi considerada a primeira mulher existente no Havai, por isso era honrada como a mãe original e ancestral da família real, cujos membros casavam entre si para manter a pureza dos laços de sangue. Quando seu marido foi perseguido e destinado a ser sacrificado, Haumea o escondeu na árvore makalei e o casal acabou se fundindo com o seu tronco.

Como princípio gerador feminino, Haumea criou as oito ilhas de Havai, que aumentam de tamanho cada vez que irrompe um vulcão e a lava se solidifica ao cair no mar, criando assim novas terras. Os havaianos usavam esta imagem como metáfora e modelo para a criação da Terra, o fogo era visto como o espírito que formava a terra, ou seja, as ilhas nasciam como o corpo do espírito; por serem a forma material do espírito elas tinham uma energia viva. Da mesma forma como as ilhas surgiam do mar, criadas pelo fogo do centro da

Terra, o corpo material é formado pelo espírito, que é a energia ígnea manifestada. Haumea era reverenciada como a responsável pela alimentação do seu povo e quando faltava comida, a escassez ou a fome eram consideradas punições da deusa pelas transgressões humanas.

A descoberta do planeta-anão Haumea

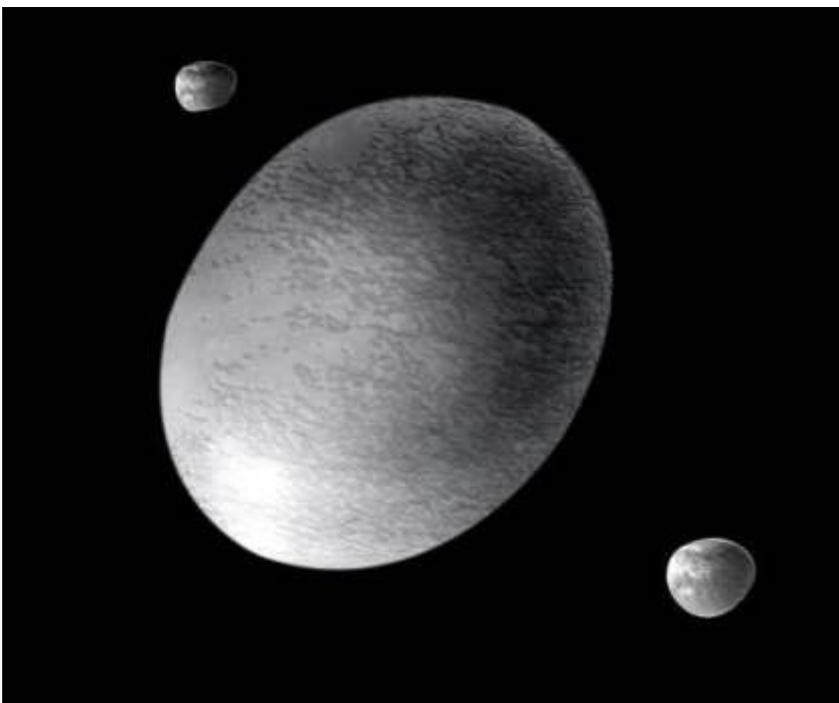
Próximo ao Natal de 2004, um planeta menor (um terço do tamanho de Plutão), foi descoberto no observatório Palomar de Havai, no cinturão de Kuiper, que é um anel oblongo de corpos celestes, que orbitam em elipse nos confins de Netuno. Estes planetas menores ou asteroides, quando vistos do espaço, parecem um enxame de abelhas (devido à sua rotação elipsoide, consequência da imensa gravidade de Netuno) e denominados pela União Astronômica Internacional de "planetas anões", categoria em que foi incluído também o planeta Plutão.

Os primeiros astrônomos americanos que avistaram o novo planeta em 2004 o chamaram de Santa, pela proximidade do Natal (nome lembrando Santa Klaus, o equivalente de Papai Noel), mas não fizeram seu registro oficial pelo fato que um deles entrou em licença de paternidade. Em 2005 pesquisadores espanhóis o avistaram também e pleitearam a sua descoberta; devido à celeuma em torno da "paternidade" da descoberta, o planeta ficou sem nome, até que a União Astronômica Internacional o denominou Haumea. Ele é composto

de rocha com uma cobertura de gelo e mantém seu equilíbrio devido à rápida rotação, sua forma é elipsoidal e seu período orbital é de 285 anos. Foi confirmado que, pela colisão com outro corpo celeste, se desprenderam pedaços de rocha da sua superfície, que continuaram girando ao seu redor, como satélites. Eles foram chamados de "luas", a maior recebendo o nome de Hi'iaka, padroeira da dança Hula e a menor de Namaka, espírito da água (ambas sendo filhas míticas de Haumea, nascidas da sua boca e dos seus seios). Diferente dos outros planetas do cinturão de Kuiper, Haumea tem algumas características estranhas: não é esférico, mas cilíndrico, a sua cor é azulada com uma mancha vermelha num dos lados sendo cercado por uma "família", ou seja, oito pedaços de rocha orbitando ao seu redor, lembrando as sete ilhas menores em torno da ilha maior de Haváí. Possivelmente Haumea teria sido um planeta maior ou duplo e através de colisões seguidas dele se desprenderam estes pedaços, todos de rocha sólida com a mesma coloração azulada, indicando a presença de gelo.

A descoberta do planeta Haumea revela uma série de eventos sincrônicos (o nascimento da filha de um deles, a criação das luas como se fossem filhos saindo do corpo do planeta-mãe) e que permitiram a escolha do seu nome como Haumea, "a deusa regente dos nascimentos e que cria filhos a partir de pedaços do seu corpo". Apesar de ser um corpo celeste facilmente visível com telescópio, a sua descoberta demorou, confirmando a teoria antiga de que os planetas tornam-se conhecidos quando acontece uma mudança na consciência humana, para compreender o seu significado.

As descobertas dos planetas do cinturão de Kuiper coincidiram com os avanços da física quântica.



A matéria não é algo sólido, ela é formada pelas vibrações do campo invisível de energia. O centro de um átomo é formado por partículas subatômicas que não são sólidas, mas energia, que giram com tal rapidez que cria uma resistência e parece compacta. Podia ser feita uma comparação com os raios das rodas da bicicleta, que aparentam ser sólidas quando giram, mas podem ser atravessadas com a mão quando paradas. Portanto energia, espírito ou fogo existem na matéria ou terra e o fogo torna-se terra da mesma forma como as ilhas vulcânicas surgem do mar, criadas pelo fogo telúrico. Os havaianos sempre expressaram esta crença nos seus mitos simples e na sua fé inquestionável no significado da vida.

O descobrimento do planeta Haumea revela o ressurgimento da crença na Mãe Criadora

Haumea surgiu na consciência global apontando - pelo seu simbolismo - a sincronicidade entre os conceitos espirituais polinésios e a nova compreensão científica da existência, em que a matéria é formada por uma força energética que se movimenta tão rápido, que parece ser sólida. Esta força existe e permeia todas as coisas imprimindo-lhes energia dinâmica ou vida, sendo em termos espirituais o elemento do fogo, personificado por espíritos, deuses e entidades. A composição rochosa do planeta reforça a associação com o elemento terra e a matéria fundamental da criação. Por ser uma energia criadora feminina, o descobrimento de Haumea revela que a crença na Mãe Criadora está ressurgindo e as questões femininas e das minorias estão sendo colocadas em evidência. Pelo fato que a sua descoberta e nomeação foi disputada por duas equipes de cientistas, bem como devido ao lugar da sua aparição, torna-se evidente que Haumea, a deusa havaiana que criou seus filhos pela partenogênese (os satélites saindo do seu corpo), não pode ser possuída pelo homem ou energia masculina.

Citando um historiador havaiano: "a nossa cultura evoluiu em estreita parceria com o ambiente natural. Por isso ela não tem uma linha clara de divisão, onde a cultura termina e a natureza começa. Em um contexto havaiano, a natureza e a cultura são uma coisa só e por isso a terra e seus habitantes são sadios, sem permitir que sejam envenenados pelas toxinas do mundo moderno. Somos todos nós partículas do mesmo Espírito-ou Força- Universal, que é também parte de nós e existe em todos os lugares. A força, a energia e o espírito da Mãe Terra - ou de Haumea - estão no meio ambiente e também em nós mesmos. Isso é algo que o mundo moderno deve aprender, de uma forma ou outra".



Maria,

A Sua cheia clareia em detalhes a majestosa Serra do Espinhaço que se desdobra frente à sua janela, sublinhando em sua alma a verdade do impulso que trouxe você até aqui. Seu olhar abraça o que você reconhece como a origem mais remota de seus entes queridos, a respiração hesita e seu coração rebate em outros compassos. Mas as rochas parecem imóveis, expectadoras apáticas de tudo o mais. No seu íntimo você suspeita que talvez não seja bem assim, muito pouco do que parece ser a seus olhos físicos encontra validade na visão do espírito, depois que se despem as ilusões...

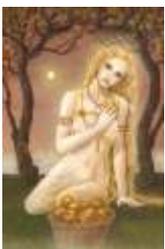
Tal qual uma menina travessa saltitando entre os calhaus, sua memória vagueia entre fotos antigas fixadas na parede do tempo. Quantos casamentos, despedidas, nascimentos! Quantas vezes aquele trem chegou e partiu da mesma estação! E um gosto amargo surge, ao constatar o quanto se repetiu da mesma lição na teimosia de se iludir, na reprodução de padrões análogos, troca de moedas sem lastro criando um arremedo de evolução! E, olhando bem de perto, nem as pedras permaneceram no mesmo lugar, passados tantos séculos, não é?

No orvalho dessa madrugada enluarada, eu ofereço a você a possibilidade de uma vida nova, despertando a própria capacidade de se reinventar, de ousar escolhas diferentes. Que sua refeição matinal traga a nutrição necessária para que você inaugure o dia disposta a renascer, com coragem para liberar antigos padrões cujo sentido ficou suspenso na poeira do passado. Questione a própria rotina, priorize o que for realmente relevante para a sua vida, reveja o conteúdo da sua bolsa, adube o canteiro de seus sonhos sem medo de vê-lo, enfim, florescer! Finalmente, experimente abrir as janelas da alma, desafie a ladainha do senso comum que ecoa carência e permita-se destinatária da manifestação de abundância do Universo.

Eu estarei com você todo o tempo, amparando sua caminhada, velando pelo seu repouso. E receberei você em meu colo, quando a noite retornar, para tecer com você um novo casulo, outra oportunidade de se reinventar, se você quiser.

Em bênçãos de transformação,

Aquela que é.



Próximo Ritual
Plenilúnio: Celebração da Deusa escandinava Idunna
Data: 27 de outubro de 2015, às 20h
Somente para mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na UNIPAZ - Brasília/DF
Energia de troca: R\$ 15,00
Não é permitida a entrada após o início do ritual

Expediente Jornal Deusa Viva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur e Maria Amaziles
Imagens da Rede Mundial de Computadores
Informações: www.teiadethea.org
Inês Souza: (61) 8233.7949
deusaviva@teiadethea.org